

Cláudio Vianney Malzoni
Luca Pacheco
Pedro Rubens Ferreira Oliveira

AS PORTAS DE UMA IGREJA ABERTA SEGUNDO JOÃO EVANGELISTA

[E OUTRAS HISTÓRIAS QUE A BÍBLIA NÃO CONTOU]



Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Malzoni, Cláudio Vianney

As portas de uma igreja aberta segundo João Evangelista : {e outras histórias que a Bíblia não contou} / Cláudio Vianney Malzoni, Luca Pacheco, Pedro Rubens Ferreira Oliveira. -- São Paulo : Paulinas, 2019.

ISBN 978-85-356-4572-9

1. Bíblia. N.T. João - Comentários 2. Evangelistas 3. João, Evangelista, Santo 4. Palavra de Deus I. Pacheco, Luca. II. Oliveira, Pedro Rubens Ferreira. III. Título.

19-30585

CDD-226.507

Índice para catálogo sistemático:

1. Evangelho de João : Comentários 226.507
Cibele Maria Dias - Bibliotecária - CRB-8/9427

1ª edição – 2019

Direção-geral: *Flávia Reginatto*

Editora responsável: *Vera Ivanise Bombonato*

Copidesque: *Mônica Elaine G. S. da Costa*

Coordenação de revisão: *Marina Mendonça*

Revisão: *Sandra Sinzato*

Gerente de produção: *Felício Calegato Neto*

Capa: *Java Araújo*

Foto de capa: *Alex Costa*

Ilustração: *Luca Pacheco*

Produção de arte: *Tiago Filu*

Universidade Católica de Pernambuco – Unicap

Reitor: *Pedro Rubens Ferreira Oliveira, sj*

Nenhuma parte desta obra poderá ser reproduzida ou transmitida por qualquer forma e/ou quaisquer meios (eletrônico ou mecânico, incluindo fotocópia e gravação) ou arquivada em qualquer sistema ou banco de dados sem permissão escrita da Editora. Direitos reservados.

Paulinas

Rua Dona Inácia Uchoa, 62
04110-020 – São Paulo – SP (Brasil)
Tel.: (11) 2125-3500

<http://www.paulinas.com.br>
Telemarketing e SAC: 0800-7010081

Universidade Católica de Pernambuco – Unicap

Rua do Príncipe, 526
50050-900 — Boa Vista — Recife (PE)
Tel.: (81) 2119-4011
<http://www.unicap.br>





SUMÁRIO

ABERTURA.....	13
SOU EU A PORTA.....	21
A PORTA SEGUNDO O PADROEIRO.....	27
A PORTA DA LUZ.....	39
A LUZ SEGUNDO NOSSA GENTE.....	47
A PORTA DA VIDA NOVA.....	59
A VIDA NOVA SEGUNDO JOANA.....	69
A PORTA DA ALEGRIA.....	79
ALEGRIA SEGUNDO NEUZA.....	87
A PORTA DA SAÚDE.....	99
SAÚDE SEGUNDO MARIQUINHA.....	107
A PORTA DO SERVIÇO.....	117
O LAVA-PÉS SEGUNDO A MENINADA.....	127
A PORTA DO PERDÃO.....	137
PERDÃO SEGUNDO DEMÉTRIO, O PADRE PERDOADO.....	143
BEM-VINDOS.....	153
BIOGRAFIAS.....	155



"No principio
era a Palavra.
E a Palavra
se fez carne
e habitou
entre nós."

João 1,14

ABERTURA

Este livro nasceu do encontro de três amigos professores que, nas encruzilhadas da vida, descobriram a presença de Deus nas Escrituras e em inúmeras histórias que a Bíblia não conta... Impactados pela força da Palavra de Deus, escrita nos livros sagrados e inscrita nos acontecimentos e nos corações de nosso povo, aceitamos o desafio de fazer um deslocamento do meio acadêmico, deixando algumas “zonas de conforto” para ir ao encontro de outras linguagens e outros lugares, sensíveis ao apelo do Papa Francisco de uma Igreja em saída, peregrina, com as portas e o coração abertos.

“Deus mesmo, ninguém jamais viu” (Jo 1,18), mas há sinais de sua presença por todo canto e a serem reconhecidos de acordo com a revelação em Jesus, o Cristo (Enviado) de Deus. João, o Evangelista, no final de seu relato, abre o horizonte do texto, atestando que haveria ainda muitas histórias de Jesus para contar e que, se escritas, no mundo não caberiam os livros (Jo 21,25).

Ele testemunhou a partir do que viu, mas chamou de “bem-aventurados aqueles que não viram e creram” (Jo 20,29). Portanto, essa profecia toca também a nós, cristãos contemporâneos.

Movidos por essas palavras, resolvemos entrelaçar, neste livro, comentários do Evangelho narrado por João, algumas narrativas populares e uma iconografia inspirada em temas bíblicos. O ponto de encontro poderia ser qualquer cidade onde coincidimos morar – nas alterosas das Minas Gerais ou no Recife das rebeliões libertárias –, mas a bússola do coração nos levou às vazantes do rio “Aracoiaba”, lugar onde os pássaros cantam e as pessoas gostam de contar histórias. Essa localidade do interior do Ceará tem como padroeiro São João, o Evangelista, identificado com “o discípulo amado de Jesus”, mas ainda pouco popular e, sobretudo, difícil de ser interpretado. Acontece que Pedro nasceu nessas terras, Cláudio fez grandes estudos sobre São João Evangelista e Luca criou uma iconografia própria para cada portal da igreja local...

A centenária igreja de pedra dedicada a São João Evangelista é sinal de uma comunidade viva ainda mais antiga: se a pedra fundamental data de 1895 é porque uma porção do povo de Deus precedeu à sua construção. No dizer dos antigos, essa igreja foi construída com pedra e amor, pois, sob extrema vigilância dos pais daquele tempo, os jovens encontraram uma saída para namorar: tornaram-se voluntários da construção do templo, carregando pedras à tardinha, quando o sol ameniza, a brisa passeia e a noite encena. Entre uma viagem e outra, um dedo de prosa e um flerte clandestino, acabaram, não poucas vezes, em matrimônios. Graças a mutirões continuados, esse pequeno monumento atesta, até hoje, a teimosia da fé de muitas gerações

e, com a presença ou não de pastores, abre suas portas cotidianamente. E uma igreja de portas abertas é um símbolo eloquente da hospitalidade cristã e, sobretudo, de um Deus amoroso sempre de braços abertos.

Com suas doze portas, essa igreja consagrada ao discípulo amado tem a forma tradicional de uma cruz romana, composta de uma nave central e um segundo corpo, que corresponde à ampliação do primeiro templo, com uma construção bem amarrada pelo arco da aliança. Cada portal, em forma de meia-lua sobre a porta, traz uma iconografia própria, inspirada em grandes temas do evangelho joanino: no lado nascente, duas pinturas retratam os dois mistérios que resumem o Primeiro Testamento: Portal da Criação e da Libertação. No poente, duas figurações sintetizam o Novo Testamento: Portal da Paixão e Morte de Jesus e o Portal da Ascensão e Pentecostes. Uma porta serve de escape, na sacristia, não contendo nenhuma arte no portal, mas, de certa forma, essa porta completa o bíblico número doze, não sem, ao mesmo tempo, recordar uma ruptura de estilo, assim como Judas quebrou a lógica dos doze discípulos...

Além da iconografia das quatro portas, representando o Antigo e o Novo Testamento, as sete portas da nave distribuem-se pelo corpo central da igreja e trazem as representações dos sete principais temas do evangelho de Jesus Cristo, segundo a narrativa de João.

A porta principal abre-se ao patamar da igreja e apresenta um Cristo Ressuscitado com os braços abertos, sinal de acolhida, abraçando a todos que passam pela rua ou pela porta aberta: em uma igreja cruciforme, esse portal reafirma a centralidade da Ressurreição, sinal do Cristo Glorioso que venceu a morte.

Três portas do lado nascente manifestam as luzes que contrastam com as trevas, segundo a dinâmica narrativa de João: no Portal da Luz, figura Jesus Cristo como nossa luz, de noite e de dia; o Portal da Vida Nova, por onde entram os neófitos para o banho na “cacimba” cristã, fonte batismal que se encontra logo na entrada dessa porta, faz alusão ao renascimento pela água e pelo espírito; e o Portal da Alegria remete, simbolicamente, a todas as festas relatadas por João Evangelista, com os frutos da terra e do trabalho humano, recordando, assim, a importância que Jesus dava a esses momentos de convivialidade e celebração, sinal da Alegria do Evangelho.

As três portas do poente traduzem as sombras da existência humana que nos toca atravessar, em um momento ou outro, mas à luz da fé: o Portal da Saúde rememora os sinais de salvação realizados por Jesus, sempre reforçando que a fé salva e, quando não cura a enfermidade, vem ao encontro da fraqueza humana para que assim se possa enfrentar o sofrimento provocado por doença, física ou não; o Portal do Serviço retrata a bela cena do lava-pés, episódio relatado unicamente por João e que representa os diversos serviços da comunidade e as pastorais da Igreja; enfim, o Portal do Perdão, representado pelo Cordeiro imolado, é um sinal da misericórdia de Deus e de sua graça, que vem ao encontro da nossa miséria, para resgatar a dignidade humana de filhos de Deus.

O itinerário proposto com essas narrativas de João, associadas a outras histórias populares espelhadas em temas bíblicos, tem um objetivo: não queremos propor uma simples leitura de textos, mas que cada leitor faça a sua própria experiência de amizade com Deus, mediante a releitura do Evangelho de Jesus

Cristo, segundo o belo testemunho de João. O relato do quarto evangelista é uma verdadeira pedagogia dos sinais da presença divina no miudinho da vida e uma verdadeira mistagogia cristã: de fato, metade do livro joanino consiste em mostrar, pedagogicamente, os “sinais” para o conhecimento de Deus revelado por Jesus, mas, a segunda metade, o texto muda de estilo, convidando o leitor a “entrar com o Senhor no mistério” (mistagogia) de sua paixão, morte e ressurreição.

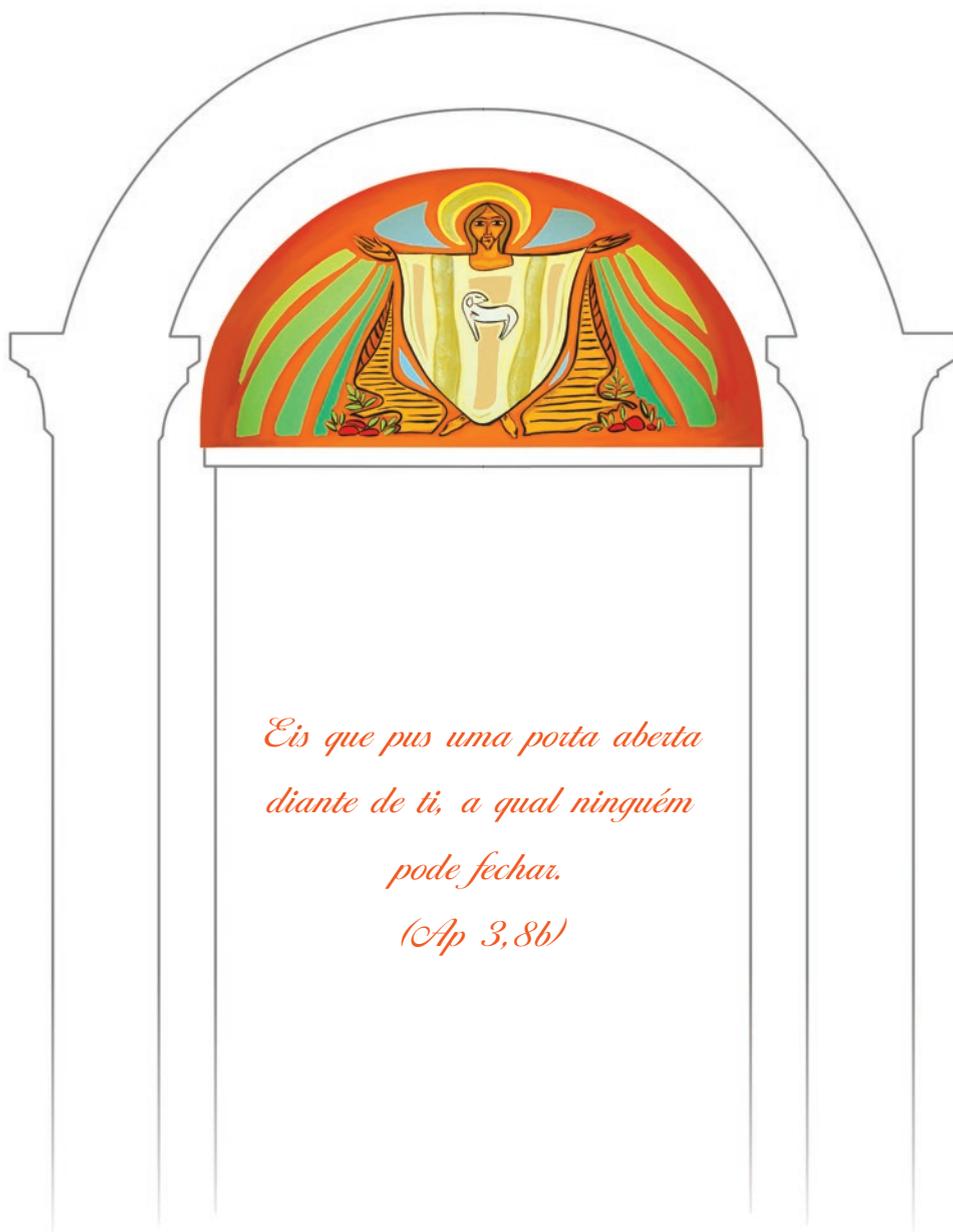
O evangelho joanino tem, entre outras, a dinâmica de partir das experiências mais corriqueiras e, no encontro com o divino, elevá-las ao sentido mais profundo: a falta de vinho em uma festa leva Jesus à sua primeira manifestação, realizando um sinal do Reino e da festa que nunca se acaba; a sede e o pedido de água a uma samaritana permite que Jesus fale da fonte de água viva; a fome e a multiplicação dos pães indicam a fome de Deus e o pão descido dos céus; a cura de um cego de nascença revela a cegueira dos que não querem enxergar a Palavra de Deus em Jesus; a morte de Lázaro e sua polêmica são primícias da morte e da ressurreição do Cristo Jesus. E, segundo os passos desse itinerário, João Evangelista constrói seu relato, visando ao crescimento da comunidade cristã de ontem e de hoje.

Foi respeitando essa dinâmica e os sentidos mais profundos do Evangelho segundo João que se concebeu a organização deste livro em sete dípticos. Cada tema joanino, figurado nos portais da igreja visitada, será desenvolvido de uma forma diferente. Um exegeta (Cláudio) oferecerá chaves de leituras a partir do texto bíblico, ajudando a aprofundar o sentido das palavras e gestos da mensagem de João. A cada texto interpretativo da Bíblia, segue-se outro mais narrativo, partindo das experiências

corriqueiras da gente do sertão, narradas de geração em geração e recolhidas por um filho da terra (Pedro). Costurando os dois textos, a iconografia do artista (Luca) revelará outra leitura possível, com a linguagem dos símbolos misturando traços bíblicos e cores do sertão.

Caberá a você, leitor(a), não somente relacionar essas três leituras, mas, sobretudo, arriscar-se, como os autores, a fazer uma interpretação de sua vida no espelho do texto bíblico. Afinal, “compreender é compreender-se diante do texto” (Paul Ricoeur). Assim seja!

Os autores



SOU EU A PORTA

No país em que Jesus viveu, uma das atividades econômicas principais era o cuidado de rebanhos. As pessoas mais ricas tinham gado graúdo: bois e vacas; as de condição mais humilde tinham gado miúdo: ovelhas e carneiros, cabras e bodes. O gado miúdo fazia parte do cotidiano dessas pessoas. Por isso mesmo, para anunciar sua mensagem, Jesus, muitas vezes, usou elementos da vida pastoril. Certa vez, ele assim falou:

¹⁰¹ “Amém, amém, eu vos digo: quem não entra no pátio das ovelhas pela porta, mas sobe por outro lugar, este é ladrão e bandido. ² Quem, porém, entra pela porta é o pastor das ovelhas. ³ A este, o porteiro abre, e as ovelhas ouvem sua voz, e ele chama seu rebanho, cada ovelha por seu nome, e as leva para fora. ⁴ Quando todas as suas ovelhas saírem, caminha à frente delas, e as ovelhas o seguem, porque conhecem sua voz. ⁵ A um estranho, porém, não seguirão, mas fugirão dele, porque não conhecem a voz de estranhos”.

⁶ Jesus lhes propôs essa comparação. Eles, porém, não compreenderam de que lhes falava.

⁷ Então, novamente, Jesus disse:

“Amém, amém, eu vos digo: sou eu a porta das ovelhas.

⁸ Todos quantos vieram antes de mim são ladrões e bandidos, mas as ovelhas não os ouviram.

⁹ Sou eu a porta.

Quem entrar por mim será salvo, entrará e sairá e encontrará pastagem.

¹⁰ O ladrão não vem senão para roubar, sacrificar e fazer perecer.

Eu vim para que tenham vida e a tenham em abundância”.

(Do Evangelho segundo João, capítulo 10, versículos 1 a 10)

Jesus começa falando “Amém, amém”. Este é um modo de falar próprio de sua língua: o aramaico, e significa que a pessoa se empenha naquilo que vai dizer. É por isso que, tradicionalmente, essas palavras foram traduzidas por “Em verdade, em verdade”. O que Jesus diz é muito belo, mas também muito polêmico. Ele fala por comparações; por isso, nem todos compreendem o que diz, nem em seu tempo, nem hoje.

Na comparação feita por Jesus, encontram-se as seguintes personagens: o rebanho, o ladrão bandido, o pastor, o porteiro, o estranho. Em cena, estão Jesus e as pessoas para as quais ele expõe a comparação, que não compreendem a respeito de que Jesus estava falando.

Não compreenderam ou não quiseram compreender? Jesus estava falando também a respeito delas. Eram as autoridades da sinagoga, representadas pelos estranhos, pessoas que deveriam cuidar do rebanho, mas que o abandonaram, de tal modo que este já nem reconhecia sua voz. Jesus, por sua vez, é representado pelo pastor do rebanho. As ovelhas reconhecem a voz do pastor, que chama a cada uma pelo nome.

Conta-se que, certa vez, em um povoado da Palestina, durante a noite, um ladrão roubou as ovelhas do aprisco. Na manhã seguinte, o pastor se deu conta de que suas ovelhas tinham sido roubadas. Ele foi para o mercado na cidade, aproximou-se do lugar onde ficavam os animais que seriam vendidos e pôs-se a chamar suas ovelhas, cada uma por seu nome. Virou-se e começou a caminhar. Houve um rebuliço entre os animais e suas ovelhas, reconhecendo sua voz, puseram-se a segui-lo. Assim, o pastor recuperou seu pequeno rebanho e essa história teve um final feliz.

Quando não está nas pastagens, o rebanho está no aprisco. De um modo incomum, o texto do Evangelho, em vez de usar a palavra aprisco, usa a palavra pátio, que era uma área aberta no interior da casa, na qual havia uma passagem pela qual o rebanho podia entrar e sair em direção às pastagens.

Jesus diz: “Sou eu a porta das ovelhas”. No Evangelho segundo João, há algumas declarações de Jesus que seguem esta fórmula: “Sou eu...”. Ao todo, são sete, o número da perfeição. Essas fórmulas são chamadas de declarações de revelação, pois revelam a identidade própria de Jesus. São elas:

1. “*Sou eu o Pão da vida*. Quem vem a mim não terá fome e quem crê em mim nunca mais terá sede” (Jo 6,35), e “*Sou eu o Pão vivo descido do céu*. Quem comer deste Pão viverá para sempre” (Jo 6,51).
2. “*Sou eu a Luz do mundo*. Quem me segue não caminha nas trevas, mas terá a luz da vida” (Jo 8,12).
3. “*Sou eu a Porta das ovelhas*. Quem entrar por mim será salvo, entrará e sairá e encontrará pastagem” (Jo 10,7.9).

4. “*Sou eu o bom Pastor*. O bom Pastor dá sua vida em favor das ovelhas” (Jo 10,11), e “*Sou eu o bom Pastor, conheço minhas ovelhas e minhas ovelhas me conhecem*” (Jo 10,14).
5. “*Sou eu a Ressurreição e a Vida*. Quem crê em mim, ainda que morra, viverá, e quem vive e crê em mim jamais morrerá” (Jo 11,25-26).
6. “*Sou eu o Caminho, a Verdade e a Vida*. Ninguém vai ao Pai senão por mim” (Jo 14,6).
7. “*Sou eu a verdadeira Videira*, e meu Pai é o agricultor” (Jo 15,1) e “*Sou eu a Videira; vós, os ramos*. Quem permanece em mim e eu nele produz muito fruto, porque sem mim nada podeis fazer” (Jo 15,5).

Um manuscrito antigo, dos primeiros tempos do cristianismo, traz todas essas declarações de Jesus enfileiradas, formando uma ladainha. É uma oração.

A imagem da porta, presente na declaração “Sou eu a porta das ovelhas” (Jo 10,7) ou “Sou eu a porta” (Jo 10,9), pode causar uma interpretação equivocada, pois “porta” pode evocar trancaamento: uma porta trancada que não deixa ninguém entrar nem sair. A porta à qual Jesus se refere, ao contrário, é aberta, um portal pelo qual as ovelhas podem livremente entrar e sair. Não é uma porta que aprisiona, mas que deixa livre.

Em uma das ocasiões em que estive no Brasil, o teólogo Christoph Theobald fez uma conferência intitulada “O cristianismo como estilo”, depois publicada como artigo na *Revista de Teologia e Ciências da Religião* da Unicap. O resumo desse artigo é assim:

O presente artigo pretende abordar o cristianismo enquanto estilo. Para tanto, parte da santidade hospitaleira de Jesus Nazaré e de como este modo de viver ou habitar o mundo foi percebido pelas comunidades cristãs. Estas comunidades compreenderam que também elas deveriam ser comunidades hospitaleiras, espaços de liberdade nos quais as pessoas pudessem se formar enquanto sujeitos.

A santidade hospitaleira de Jesus é esse seu modo de acolher as pessoas e também de deixá-las partir. À mulher que sofria de um fluxo de sangue, Jesus disse, depois de curá-la: “Filha, tua fé te salvou. Vai em paz e fica livre de teu flagelo” (Mc 10,34). Palavras muito semelhantes ele disse à pecadora que lavou seus pés: “Tua fé te salvou; vai em paz” (Lc 7,50). Esse é o modo como Jesus foi porta, uma porta aberta que acolhia a todos, e o modo como Jesus ensinou a Igreja a ser porta, acolhendo a todos.

Na literatura rabínica, há um texto muito belo sobre hospitalidade. É assim:

“Deixa que tua casa seja amplamente aberta.” Como? Isto significa que a casa de um homem deve ter uma entrada espaçosa a Norte, Sul, Leste e Oeste, como a casa de Jó, que colocou quatro portas em sua casa. E por que Jó fez quatro portas em sua casa? A fim de que os pobres não se afligissem girando em torno da casa: vindo algum do Norte poderia entrar diretamente, vindo outro do Sul poderia entrar diretamente, e assim de todas as direções. Por esta razão Jó fez quatro portas em sua casa. [...] Abraão, contudo, não fez assim, mas saiu e andava por toda parte, e, quando encontrava viandantes, os fazia vir a sua casa. Àquele que não era acostumado a comer pão de trigo, deu pão de trigo para comer; àquele que não era acostumado a comer carne, deu carne para comer; àquele que não era acostumado a beber vinho, deu vinho para beber. Além disso, ele se levantou e edificou moradias ao longo das estradas principais e deixou ali comida e bebida, e todo passante comia, bebia e bendizia os Céus (ARN A 7).

No mundo atual, com o crescimento da violência, a tendência é fechar as portas, tanto das casas quanto dos templos. Ainda mais das casas e dos templos onde há bens que possam ser roubados. Quando a violência for menor e os bens forem mais bem distribuídos, as portas não precisarão mais estar sempre trancadas. Até lá, será preciso deixar aberta a porta do coração: para as pessoas que chegam e que partem.

Ladrões e bandidos não são realidades que acabaram de surgir no mundo. Eles aparecem na comparação que Jesus fez e em outras passagens bíblicas. Fontes históricas afirmam que o tempo em que Jesus viveu foi de muita agitação e de revoltas armadas. O povo sofria com os levantes contra o poder romano e com a repressão do poder romano contra os insurgentes. Jesus fala a partir dessa realidade, mas chamando a atenção para outros tipos de ladrões e bandidos: aqueles que levam o rebanho para longe do aprisco, para um lugar tão longe que ele já não possa mais escutar a voz do pastor. Em contraste com o ladrão, Jesus é o Pastor, o bom Pastor, aquele que dá a própria vida pelo rebanho.

Na igreja de São João Evangelista de Vazantes, há várias portas. Por elas, pode-se entrar e sair. Essas portas são metáforas da Porta da Igreja, que é o próprio Jesus, aquele que disse: “Sou eu a porta. Quem entrar por mim será salvo, entrará e sairá e encontrará pastagem” (Jo 9,9).